

NOTAS SOBRE UM CURSO DE ARTE DIGITAL

Jonas Federman ¹

Resumo: Este artigo reúne algumas das leituras e discussões encaminhadas no curso Arte Digital. Esta cadeira pertence ao Departamento de Métodos e Áreas Conexas (DEMAC) sendo oferecida à todas as habilitações do curso de graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta memória visa estimular novas aproximações e discussões futuras.

Palavras-Chave: Comunicação. Arte. Cibercultura.

Abstract: This article is about some of the readings and discussions in the Digital Art Course. This chair belongs to the Department of Methods and Related Areas (DEMAC), being offered to all undergraduate students of The School of Communication at UFRJ. This note aims to stimulate new approaches and future discussions.

Keywords: Communication. Art. Ciberculture.

"The intellectual life of the whole of western society is increasingly being split into two polar groups...literary intellectuals at one pole - at the other scientists, and as the most representative, the physical scientists. Between the two a gulf of incomprehension."²

C. P. Snow

"The Two Cultures and the Scientific Revolution", 1961.

Primeiras pistas

Com base nas leituras de sala de aula, do curso Arte Digital, este artigo tem como principal objetivo registrar algumas notas para minha pesquisa de pós-doutoramento. Além disso, vou comentar trechos de alguns livros e sua utilidade para pensar a matéria "Arte Digital".

A cada encontro o grupo reage a textos propostos com a intenção de gerar polêmica em torno da seguinte questão: no atual ambiente telemático, o que seria hoje considerado um gesto artístico? Ou ainda, num ambiente de redes eletrônicas de pesquisa combinando

¹ Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Prof. Adjunto – Doutor em Ciências (HCTE/UFRJ), federman.jonas@gmail.com - <http://artedigitalblogdotcom.wordpress.com/>

² "A vida intelectual de toda a sociedade ocidental está cada vez mais dividida em dois grupos polares ... intelectuais literários em um pólo – e no outro cientistas. E, como os mais representativos, os cientistas físicos. Entre os dois um abismo de incompreensão." C. P. Snow, 1961. "As duas culturas e a revolução científica".

tantas formas de expressão quem seria hoje o autor? E a quem caberia a crítica do gesto artístico? E juntos, seguimos formulando nossas questões. Como, nesse ambiente digital, as noções de percepção e subjetividade são afetadas?

Há dois anos venho lecionando a disciplina Arte Digital, cadeira oferecida para os alunos da graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nossos encontros semanais têm como objetivo estudar o campo de interseção entre arte, ciência e comunicação. Inspirados em questões teóricas levantadas no início do século XX pelo artista Marcel Duchamp³, nossa pauta buscou no início compreender, discutir e quantificar o quociente artístico das propostas artísticas digitais. Mas seriam os princípios de avaliação do início do século XX válidos ainda hoje?

No começo o curso era basicamente teórico, apoiado somente em leituras. Mais recentemente, buscamos unir nossas reflexões teóricas a uma prática. Tentamos explicitar um conjunto de questões teóricas que justifiquem a construção de um dispositivo eletrônico gerando assim, na prática, uma experiência artística digital. Aos poucos fomos sentindo a necessidade de reunir e somar conhecimentos das mais diversas áreas tais como: filosofia, história da Arte, história da ciência, psicologia, comunicação, engenharia mecatrônica, telemática, além de certo conhecimento básico em física, química, biologia e matemática. Nesse campo de interseção de saberes a pesquisa atualmente conta com o capital cultural e com a capacidade crítica do grupo. Todos nossos receios, limitações, fracassos e eventuais sucessos⁴ são motivo de troca de idéias. Ao longo do curso, temos estudado os mais variados tipos de projetos artísticos e tendências estéticas digitais, sendo que nossa atenção tem se voltado mais para aqueles que reúnem trabalhos pensados, realizados e acessados através de dispositivos móveis como celular ou PDA (*Personal digital assistants*).

Buscando gerar uma massa crítica capaz de favorecer novos avanços nesta área, temos expandido nossa rede trocando questões com os principais centros acadêmicos da área de comunicação, além de contatar empresas, museus e festivais. Destacamos dois eventos no país voltados para o tema: *FILE*⁵ (Festival internacional de Linguagem Eletrônica), que

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_Duchamp

⁴ <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/arquivo-aberto>

⁵ <http://www.file.org.br/>

há mais de dez anos promove simpósios, exposições e publicações, e o *Art Mov*⁶ - programa que multiplica as possibilidades de reflexão e discussão de questões que envolvem o universo das tecnologias móveis, atuando de forma efetiva, tanto na formação de público, quanto na de novos realizadores. Com algumas outras colaborações paralelas, o curso concentra sua atenção numa área que provisoriamente chamamos de *Cross-Mídia*, ou seja, experiências que buscam investigar aspectos técnicos e culturais do diálogo telemático.

Duchamp, Oiticica e Meireles.

Nossa pesquisa sobre o que seria considerado um objeto de arte se iniciou com a leitura do “O engenheiro do tempo perdido” (1977). Este recorte se deve ao fato de que a obra duchampiana provocou um novo entendimento da crítica artística. Neste livro, o jornalista Pierre Cabanne entrevista Marcel Duchamp. Mas, com as nossas crescentes suspeitas quanto à validade das avaliações duchampianas quanto ao que hoje se considera um objeto de arte buscamos melhor compreender aquelas primeiras décadas do século XX tentando perceber paralelos entre aquele tempo e a atual cena da arte telemática brasileira. Assim, passamos a estudar mais de perto as preocupações estéticas levantadas pelo movimento Concreto brasileiro. Logo percebemos que a década 1970 foi especialmente importante do ponto de vista político, ético e estético. Fortes mudanças ocorreram no Brasil e no mundo a partir desse tempo, que entrou para história como um divisor de águas.

Quando criou o primeiro Penetrável, Hélio Oiticica rompia, na cena carioca das artes plásticas, com a relação de contemplação do espectador para com a obra e propunha a participação. Mas o grande paradigma da obra de Oiticica foi a Tropicália, o Grande Penetrável, fruto da ideia de Nova Objetividade, conceituada pelo próprio Oiticica em 1966, e que deu nome ao movimento inaugurado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outros. Em 1968, jovens corações e mentes desencadearam uma onda de protestos e fogo em todo o mundo – de Paris ao Rio, de Los Angeles a Praga – com um só desejo: mudar a vida, mudar o mundo. Assembléias, passeatas, barricadas selaram uma aliança entre estudantes e intelectuais, artistas e minorias, para contestar a autoridade em toda parte: na

⁶ <http://www.artemov.net/>

universidade, no governo, nos costumes. Pois foi nesse ambiente que, em 1967, ao redigir o catálogo da exposição “Nova Objetividade”, que se realizaria no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Helio Oiticica passa de um questionamento sobre os limites de um quadro à reflexão sobre a concepção de uma vanguarda brasileira. Foi nesse contexto que, se colocava cada vez mais firmemente a indagação: O que a arte pode ser?

A esta questão a obra do artista plástico Cildo Meireles vem responder de forma multissensorial. Partindo de desenhos, objetos e instalações, ele explorava as fronteiras da percepção de forma inesperada através de materiais do cotidiano. Um dos membros mais jovens de uma geração que transformou a arte brasileira no final dos anos 1960, Meireles combinou os desenvolvimentos da Nova Objetividade com o Minimalismo e a Arte Conceitual para produzir um conjunto de trabalhos que é claramente internacional, por transformar a experiência perceptiva em desafios filosóficos.⁷

Mas, e hoje? O que pode a arte? Ou, mais especificamente: o que pode hoje a Arte Digital? Quais seriam seus desafios filosóficos? Para abordar estas questões poderíamos separar os campos da arte e da ciência? Seriam seus métodos de investigação excludentes? Sentir não seria tão importante quanto saber?

Leituras e avaliações

Conhecendo um pouco mais o movimento concreto brasileiro, sentimos que é a partir do jogo entre a palavra, o som e a imagem, editados através desses dispositivos móveis (centrais de produção multimídia portáteis) que, atualmente, se produz sentido, realidade e uma nova subjetividade⁸. Inspirados na rede suas implicações sociotécnicas passamos a seguir comentar algumas publicações que vêm balizando nossas discussões ao longo do curso.

Foi inspirado no livro “Linguagens líquidas na era da mobilidade” (2007), que este curso foi elaborado. Aproximando-se da metáfora do sociólogo polonês Zygmunt Bauman – modernidade líquida – e do conceito - espumas - do filósofo alemão Peter Sloterdijk, a autora pensa, neste abrangente livro, entre outras importantes questões, a Internet

⁷ Esse trecho deste artigo foi fundamentado num folheto da exposição “Trinta Anos de 1968” e, no texto de apresentação – O que a arte pode ser? da exposição do artista Cildo Meireles no MAM, RJ – set. 2000.

⁸ <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/ch-promove-debate-sobre-redes-sociais>

pervasiva, ubíqua conhecida atualmente como a internet das coisas. Foi a partir desta publicação que recortamos mais um aspecto da nossa pauta: presença-ausência.

Percebendo que os alunos e os jovens em geral abandonam o MSN (Chat), ou ainda os e-mails, comunicando-se cada vez mais frequentemente através de SMS - os chamados torpedos (mensagem enviadas por telefones celulares) -, o nomadismo e a produção telemática tornaram-se também mais um foco de pesquisa do curso. Segundo Santaella, a primeira questão que se coloca entre os participantes quando a conexão via celular se estabelece é: onde você está? Assim, o posicionamento geográfico e o tipo de atenção disponível nesse intervalo de tempo para esta conexão passaram a ser novos aspectos a serem estudados.

Mais adiante, percebendo as transformações provocadas pelos avanços tecnológicos dos dispositivos móveis passamos a ler *ME++ The cyborg self and the networked city* (2003), em que William J. Mitchell apresenta uma geopolítica urbana, observando que as conexões digitais “tornaram-se a característica da nossa condição urbana no século XXI”. O autor nos lembra que uma rede de redes suporta diretamente operações de setores como economia, energia (elétrica, petróleo ou atômica entre outras), transportes (aéreos, marítimos), finanças, telecomunicação, saúde pública, serviços de emergência, meteorologia, química, defesa de espaço nacional, alimentação, agricultura e remessas postais, entre várias outras, numa lista quase sem fim. Assim, numa seqüência de artigos, Mitchell estuda as transformações culturais, políticas e econômicas que alteram aspectos urbanísticos e subjetivos da cidade nos dias de hoje.

Dando seqüência a essa lista de considerações e autores, voltamos nossa atenção para Manuel Castells, que, em seu livro *Mobile Communication and society: a global perspective* (2007), já nos confirmava que o mercado de telefonia móvel no Brasil seria o sexto maior mercado de telefonia móvel no mundo e o maior na América Latina. Castells nos aponta dados que observam a forte exclusão ainda vigente no país em função dos altos valores pagos pelo uso das linhas de celulares. Porém, telefones pré-pagos têm possibilitado o acesso de grande parte da população a uma linha, o que tem transformado o celular num fenômeno de comunicação. A atual necessidade de novas linhas cresceu de tal forma que, nos principais centros do país, já em 2010, era introduzido pela Anatel⁹

⁹ <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do>

mais um dígito nos números das linhas, para assim disponibilizar novas combinações de números, capaz de gerar linhas para um número cada vez maior de usuários.

Diante do veloz crescimento da demanda por acesso digital móvel, outro importante autor a ser lembrado é Vilém Flusser, que, em seu livro *O universo das imagens técnicas: Elogio da superficialidade* (2008) entende a imagem técnica como número, cálculo. Em sua análise, Flusser de certa forma nos apresenta o pixel como o novo pincel e os algoritmos como a atual “palheta do pintor”. Levando em consideração que a produção desse autor é da década de 1970, não poderíamos deixar de citar seu entendimento visionário relativo às tecno-imagens:

... Somos testemunhas, colaboradores e vítimas da revolução cultural cujo âmbito apenas adivinhamos. Um dos sintomas dessa revolução é a emergência das imagens técnicas em nosso torno. Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares. Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças às linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginadas. Como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores... (FLUSSER, 2008. p. 15)

Assim, segundo Flusser, e parafraseando o filósofo e educador canadense Marshall McLuhan, poderíamos hoje suspeitar que a interface seja hoje a mensagem? Essa suspeita talvez se confirme, à medida que formos interagindo com esses dispositivos móveis cada vez mais onipresentes que definitivamente alteram nossas noções de espaço, tempo e transformam nossa forma de sentir, perceber e de se relacionar.

Mas, nesta lista de publicações, autores e aspectos até aqui abordados, é também importante observar que esses recursos telemáticos, além de terem implicações afetivas, cognitivas e neurológicas, têm também consequências políticas. Lembramos que as implicações das transformações tecnológicas no campo da comunicação já eram abordadas em 1979, quando, na crise do Irã, se discutia o uso das fitas cassetes transformando a cena política mundial. No exílio em Bagdá, Khomeini continuou a criticar o xá e suas políticas pró-ocidente. Sua mensagem chegava às massas por meio de fitas-cassete gravadas durante conversas ao telefone. Ele se tornou o símbolo da oposição

ao regime e à monarquia.¹⁰ Quatro décadas mais tarde, já nos dias de hoje, passamos a viver uma acirrada disputa com as sucessivas quedas dos regimes ditatoriais no Oriente Médio que desestabilizam a economia global, deixando o mundo num suspense diante dos *tsunamis* de Fukushima e do mundo árabe. Em meio a profundas transformações tecnológicas, culturais, políticas e geológicas, uma nova ordem mundial se estabelece. Numa cena em constante movimento, a Internet e os dispositivos móveis promovem hoje uma veloz difusão quase que instantânea das imagens e dos fatos, confundindo o que seria mudança de regime com promoção da democracia. Nesta linha de pensamento, a publicação do jornalista e comentarista social Evgeny Morozov *The Net Delusion: the dark side of internet freedom* (2011), discute até que ponto a Internet promove liberdade e democracia. O autor nos adverte que devemos ser mais prudentes ao pensar na Internet livre ou nas redes sociais como promotoras da libertação e semeadoras de nobres iniciativas.

Arte e ciência hoje

Com esse relato sobre a trajetória do curso Arte Digital, encerro esse breve artigo destacando que, como consequência da acelerada transformação das tecnologias telemáticas e da velocidade das pesquisas nesta área, os campos da ciência e da arte trazem, nas primeiras décadas deste século, questões que implicam em mudanças radicais dos processos criativos, da percepção e da estética.

Lembro ainda que, já em 1959, em “As duas culturas”, o pequeno e famoso livro de C. P. Snow (1905 –1980), o cientista e romancista britânico apontava para o fato de não haver comunicação entre as duas culturas, as ciências exatas e as ciências humanas, e que na época dele (década de 1950), expressões equivocadas sobre a ciência eram usadas na arte. No entanto, atualmente, se considerarmos os avanços tecnológicos que englobam as artes visuais (a computação gráfica, a ficção científica e a inteligência artificial), enfim, todos os meios de divulgação científica à distância, o preconceito com relação à categoria

¹⁰<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL993503-16107,00-HA+ANOS+REVOLUCAO+POPULAR+LEVOU+REGIME+FUNDAMENTALISTA+AO+PODER+NO+IRA.html>

artística vem diminuindo. Porém, mesmo após 50 anos, esta ainda é uma publicação instigante que toca indiscriminadamente toda a academia.

Concluo esta memória do curso, destacando o trecho final do pequeno livro de Lucia Santaella, *Porque as comunicações e as artes estão convergindo?* (2005), em que a autora convoca e estimula o leitor a pensar uma nova estética que não tema a tradição:

... Dado o grande número de pessoas que está hoje trabalhando com as novas tecnologias das redes, tornou-se porosa a fronteira entre arte digital e um simples evento *high tech* e de entretenimento. Diferenciar árvores da floresta está se tornando uma tarefa cada vez mais difícil. Contudo, tal dificuldade não pode nos levar à apologia da indistinção. Ao contrário, deve aguçar nossos sentidos de alerta para o fato de que a arte interativa e as novas junções promulgadas pela arte-ciência-tecnologia estão inaugurando uma nova era em que experiências inéditas sem espaço, tempo, sem imagens entram no domínio da arte e para as quais não mais se aplicam os termos tradicionais da história da arte, nem mesmo os termos “*duchampianos*” e seus métodos de avaliação. Um novo campo de atividade crítica precisa ser aberto: um campo que transcenda as preocupações previamente separadas dos historiadores e teóricos de cinema, fotografia, televisão, vídeo, imagens e sons gerados computacionalmente. Uma nova estética precisa emergir: uma estética que transponha sem temor as fronteiras que a tradição interpôs entre os caminhos da ciência e os da arte. (SANTAELLA, 2005, p.67 e 68)

Nesse registro sobre os vários ângulos abordados ao longo do curso, essa memória foi escrita visando estimular novas aproximações e discussões futuras.

Os endereços eletrônicos citados neste artigo foram acessados em janeiro de 2014.

Referências

CABANNE, PIERRE. **Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1977.

CASTELLS, MANUEL. **Mobile communication and society. A global perspective**. MIT Press, Cambridge, 2007.

FLUSSER, VILÉM. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo. Annablume. 2008.

MITCHELL, J. WILLIAM. **Me++ The cyborg self and the networked city.** London, England. MIT press. 2003.

MOROZOV, EVGENY. **The net delusion: the dark side of internet freedom.** USA. Public Affairs. Philadelphia, 2011.

SANTAELLA, LUCIA. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo. Paulus, 2005.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo. Paulus, 2007.

SNOW, CHARLES PERCY. **The two cultures and the scientific revolution.** New York. Cambridge University Press. 1961.